

Circularidade cultural e resistência simbólica no cristianismo primitivo: os relatos evangélicos sobre o nascimento de Jesus e o culto ao imperador romano

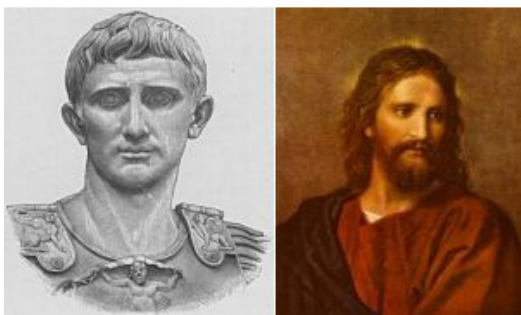
Francisco Chagas Vieira Lima Júnior*

Resumo: O presente artigo aborda as manifestações de resistência cultural e religiosa na realidade cristã do primeiro século da Era Cristã, partindo da constatação sobre a relação de antagonismo que o cristianismo, entre outros movimentos de cunho religioso, mantinha em relação ao imperativo religioso romano do culto ao imperador. Tal relação de antagonismo se encarnou no simbolismo de diversas narrativas que podem ser identificadas nos documentos que compõem o Novo Testamento bíblico.

Palavras-chave: Culto imperial. Simbolismo. Circularidade. Resistência.

Abstract: This article discusses the manifestations of religious and cultural resistance in the first century of the Christian reality of the Christian Age. In line with recent research and interpretations of history, the findings on the relationship of antagonism that Christianity, among other religious movements of nature, maintains on the imperative of religious worship of the Roman emperor. This relationship of antagonism is embodied in the symbolism of various narratives that can be identified in the documents that comprise the Biblical New Testament.

Key words: Imperial worship. Symbolism. Circularity. Resistance.



César Augusto / Jesus Cristo

Considerações iniciais: cristianismo, circularidade cultural e transformação

O presente artigo propõe a existência de um forte antagonismo cristão ao Império Romano no primeiro século e de um conflito ideológico em relação ao culto imperial romano que pode ser rastreado nos textos do Novo Testamento. Em seus primórdios, o cristianismo se caracterizou como uma

religião de protesto e resistência ideológica, essencialmente de cunho antiimperialista e consolidou diversas formas de protesto em seus discursos. Porém, muitas de suas formas de protesto deram-se de forma velada: simbolismos que degradavam o imperador (na mesma medida em que elevava a figura de Jesus), declarações de que Jesus era o “Senhor” do mundo (o que implica ser ele o verdadeiro imperador e não César), narrativas parabólicas sobre a expulsão dos romanos das terras judaicas, e o uso de termos pejorativos, como “Besta”, para designar todo o Império.

No entanto, para que se possa analisar tal realidade histórica, é necessário entender a situação dos judeus da Palestina do século I. Subjugados por um império estrangeiro (Roma) e

possuindo uma rica tradição político-religiosa e nacional, os judeus lembravam-se amargamente da época em que foram subjugados e deportados pelo Império Babilônico, no século VII a.C., até que um rei libertador (Ciro, o Grande, da Pérsia) concedeu-lhes a liberdade que tanto aspiravam, sendo proclamado “ungido” (messias) (SCARDELA, 1998).

A memória do chamado “Cativeiro Babilônico” ficou gravada para sempre nas tradições judaicas como símbolo da opressão, da desgraça e da vergonha. Por isso, era inevitável que tais lembranças se associassem à situação presente, e que o povo judeu visse no Império Romano uma nova “Babilônia”¹, um novo símbolo da opressão, da desgraça e da vergonha.

De acordo com Horsley e Hanson:

Depois do governo duramente opressivo dos reis dependentes de Roma (Herodes e seus filhos), seguiu o governo direto dos governadores do império estrangeiro, algo que os judeus não tinham experimentado desde a conquista babilônica e persa inicial (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 43).

A presença romana representou um choque na mente dos judeus da Palestina da época de Jesus, pois simbolizava não somente a escravidão e a submissão política, cultural e religiosa, mas também a distância do povo em relação a Deus.

O historiador italiano Carlo Ginzburg, ao fazer alusão a “circularidade” da cultura na Europa pré-industrial, afirma que: “Entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas

[...] [existe] um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se move de baixo para cima, bem como de cima para baixo” (GINZBURG, 2006, p. 10).

Uma das formas de circularidade da cultura reside no processo de *transformação* que determinado elemento cultural sofre no decorrer das influências recíprocas. De fato, pode-se observar que diversos elementos culturais, mesmo aqueles que sofrem resistência e rejeição, não são ao todo “abandonados”, mas, ao invés disso, são *transformados* e assim penetram no âmago cultural de diferentes classes, sejam elas dominantes ou subalternas, constituindo um jogo de metamorfoses dialéticas.

Uma forma de transformação é realizada no processo de sincretismo religioso, como acontece com a religião cristã. De fato, é notório que o imaginário mágico-religioso do cristianismo traz consigo diversos paralelos com outras formas de manifestação do imaginário mágico em geral, principalmente o pagão. Principalmente em nível popular, se observa que diversos elementos pertencentes ao âmbito extra-cristão, ao invés de serem eliminados, são simplesmente transformados, absorvidos e assimilados as formas de culto populares, influenciando até mesmo as formas normativas da vida cristã – constituindo um “sincretismo religioso”.

Assimilação intercultural e os evangelhos bíblicos

Os documentos cristãos cuja autoria tradicional tem sido atribuída a certo “Lucas” e que compõem quase a metade do Novo Testamento se caracterizam de forma bastante peculiar. São documentos diferentes de qualquer

¹ O Império Romano foi muitas vezes chamado de “Babilônia” naquele período. (cf. Apocalipse de João 18).

outro encontrado dentro ou foram do cânon. Sua principal marca é a personalidade distinta, culta e cativante do autor, bem como sua preocupação com a informação e com a ordem dos acontecimentos narrados, fazendo-o, de acordo com diversos comentaristas, equiparar-se a outros escritores talentosos da época clássica, inclusive com historiadores como Josefo, Tácito e Tucídides.

A preocupação desse evangelista com a missão gentílica e diversos aspectos do mundo mediterrâneo faz de seu evangelho o “Evangelho dos Gentios”, e de sua obra Atos dos Apóstolos a primeira tentativa de se criar uma “história das origens cristãs” de que temos notícia.

É nesse contexto que começam a surgir dentro de sua narrativa evangélica paralelos entre Jesus e outros personagens importantes da história pagã, principalmente os imperadores romanos.

O Jesus que o “Evangelho dos Gentios” apresenta é um Jesus helenizado, elaborado de acordo com as ideologias e imperativos da igreja primitiva e de acordo com as intenções literárias desse evangelista. Os elementos helênicos existentes nesse evangelho são gritantes, todos revelando o antagonismo existente contra o império romano e as atribuições lendárias à memória cristã decorrentes desse antagonismo.

A infância de Jesus, relatada por Lucas, corresponde a um período, do ponto de vista histórico, bastante problemático, mas também bastante rico em atribuições do imaginário. Nesse sentido, Meier faz o seguinte comentário:

Pouco ou nada se pode dizer com certeza ou alto grau de

probabilidade sobre o nascimento, a infância e os primeiros anos da vasta maioria das figuras históricas do antigo mundo mediterrâneo. Em casos excepcionais de personagens proeminentes, como Alexandre, o Grande, ou o Imperador Otávio Augusto, alguns fatos foram preservados, *embora frequentemente entremeados de elementos míticos e lendários*. O mesmo padrão é encontrado no Antigo Testamento [...] A tendência à expansão desses elementos “midráshicos”² continua para além das Escrituras Canônicas e em várias “recontagens” das narrativas do Antigo Testamento, como por exemplo em *Antiguidades Judaicas*, de Josefo, e na *Vida de Moisés*, de Fílon, assim como nos *midrashim* posteriores rabínicos. Considerando-se este fenômeno de histórias de nascimentos ou infância prodigiosas, compostas para celebrar antigos heróis, judeus e pagãos igualmente, devemos encarar com cautela as Narrativas da Infância de Jesus incluídas nos Capítulos 1 e 2 de Mateus e Lucas (MEIER, 1993, p. 208, grifo nosso).

De fato, no que se refere às narrativas da infância de Jesus não se pode identificar quaisquer traço de historicidade que possa oferecer informações confiáveis (cf. MEIER, 1993, p. 211). A criação de ficções e a assimilação de elementos lendários são comuns nesse tipo de relato. Isso porque existiam várias lacunas nas tradições de

² Midrash, ou Midraxe, é o termo usado para se designar um gênero literário bastante comum entre os judeus na época de Jesus, em que passagens do Antigo Testamento são usadas em um novo contexto com um novo sentido. Através do Midrash, podem-se criar narrativas fictícias e tomá-las como verdadeiras, sendo que sempre se poderá alegar que a correspondente passagem no Antigo Testamento foi “profética” (BROWN, 2005, p. 663).

Jesus que precisavam ser preenchidas. Existem lacunas em praticamente todas as dimensões do conhecimento histórico transmitidas pelas fontes antigas sobre Jesus: nos ensinamentos, relatos, mensagem, atos, ditos, infância, puberdade, nascimento, caráter, personalidade, etc.

Um dos diversos exemplos que podem ser tomados para ilustrar esse fato consiste nas histórias bíblicas sobre o nascimento e infância de Jesus. Toda a tradição herdada sobre Jesus se limita ao tempo de duração de seu ministério³, o que significa que não existiram materiais tradicionais antigos sobre a infância de Jesus (cf. BROWN, 2005, p. 42).

Essa ausência de materiais antigos sobre a infância de Jesus possibilitou a elaboração de materiais que foram assimilados pela tradição e passaram a fazer parte da memória de Jesus. A criação dessas lacunas ajudou no processo de metamorfose da imagem de Jesus, a qual começou antes desses documentos terem sido escritos:

Não se deve perder de vista que a redação final dos evangelhos não foi feita sem antes ter passado por um complexo período oral, havendo, portanto, uma seleção natural dos relatos que estavam sendo redigidos. Esse processo, longo e gradual, influenciou o rumo teológico que estava em formação nas comunidades cristãs (SCARDELA, 1998, p. 299).

Essa fase de metamorfoses da imagem de Jesus anterior aos escritos bíblicos é denominada de “fase oral” das tradições cristãs primitivas. Foi nessa fase que criaram diversas concepções e histórias

sobre Jesus – muitas das quais oriundas da imaginação popular e não da memória recebida.

Tradições populares são elementos constantes de todas as culturas, caracterizadas pela “oralidade” e se metamorfoseiam de acordo com a imaginação individual ou coletiva. São características básicas e bastantes presentes na história da cultura de todas as civilizações.

A redação dos Evangelhos bíblicos se deu numa etapa mais avançada da história do cristianismo primitivo, cujo intuito foi “oficializar” as tradições recebidas “populares” que mais tarde se tornaram o núcleo da fé cristã ocidental.

Tradições orais possuem características bastante específicas. De acordo com Arens (2007, p. 71-72), “pelo fato mesmo da comunicação ao longo do tempo, em toda comunicação oral se produz uma série de alterações”.

De fato, o período oral das tradições de Jesus foi o bastante para que várias lendas e acréscimos se desenvolvessem na tradição popular sobre a imagem de Jesus – a qual acabou se tornando uma “imagem de culto” elaborada pela imaginação coletiva. Por isso, Meier (1998, p. 150), de forma honesta, comenta que: “É preciso levar em conta a criação de lendas na tradição do evangelho”.

A influência da cultura helenística e romana na formação da identidade cristã

Duas das mais importantes matrizes para a criação e assimilação de material à tradição de Jesus foram a cultura helenística e a romana. Sendo que: “[...] os camponeses judeus, inspirados por esperanças apocalípticas, não admitiam ser privados da sua liberdade do domínio opressivo estrangeiro e nacional” (HORSLEY, HANSON 1995,

³ O ministério de Jesus durou 1 (um) ano, segundo os Evangelhos sinópticos, e 3 (três) anos, segundo o Evangelho de João, do ano 29 d.C. a 31 d. (cf. MEIER, 1993, p. 201).

p. 63), era inevitável que houvesse antagonismos ao poder imperial regente na Judéia, muitos dos quais se deu através da violência armada, e que se cristalizaram sob a forma de “movimentos messiânicos” cujos principais objetivos era “a restauração da justiça socioeconômica” (ibid., p. 115).

O próprio Jesus de Nazaré, fundador do movimento que deu origem ao cristianismo, foi violentamente perseguido e sumariamente executado através da crucificação porque as suas reivindicações sob a forma de pregação também negavam enfaticamente os poderes imperiais romanos e os poderes oligárquicos judaicos como legítimos.

Desse modo, alguns judeus e cristãos poderiam adotar uma política de luta agressiva e direta contra os romanos, enquanto outros judeus e cristãos poderiam adotar outras estratégias, talvez menos explícitas.

A assimilação de elementos do “culto ao imperador” é um exemplo básico. Tão logo que o império disseminasse esse culto por todo o território subjugado (incluindo a Palestina judaica), o qual concebia o imperador como “divino”, “senhor”, “salvador” e “conquistador do universo”, protestos vindo de vários movimentos messiânicos judaicos foram se tornando cada vez mais comuns, pois para os judeus seria impossível reverenciar outra divindade senão Yahweh o deus judaico.

Uma das formas de protesto utilizadas pelo cristianismo primitivo contra o poder político-religioso do império foi equiparar (ou sobrepujar) Jesus a César como o “Senhor do Universo”. Pelo fato desse protesto ter se dado somente nos âmbitos da mentalidade e do discurso (pois não havia formas de se concretizar

na realidade, mas apenas na crença), pode-se encontrar vestígios desse protesto em vários textos bíblicos e principalmente nos Evangelhos.

Desse modo, um sincretismo religioso, em que elementos helênicos e atribuições lendárias do panteão romano foram assimilados pela memória cristã primitiva, foi motivado pelo antagonismo existente entre o cristianismo e o Império Romano (cf. HORSLEY, 2004, p. 20-31).

Termos como “evangelho”, “salvador”, “fê”, “senhor”, “assembleias” (igrejas), foram termos cunhados pelo culto imperial e tomados pelo cristianismo primitivo como termos usuais da cultura cristã. Vários atributos de César foram relacionados à figura de Jesus Cristo nas comunidades cristãs primitivas por causa da influência negativa que a visão imperial do mundo romano exerceu na mente dos primeiros cristãos. Era uma forma de “desafiar” o poder imperial romano.

Continuando, Horsley lembra que:

As cidades erigiam monumentos com inscrições que expressavam o credo do florescente culto ao imperador. Uma inscrição procedente da Assembléia Provincial da Ásia (Ásia Menor ocidental) datada do ano 9 a.C. oferece uma expressão vívida das honras divinas e do culto dedicado ao imperador como o salvador que trouxera paz e realizações: “Ó diviníssimo César... devemos considerá-lo igual ao Princípio de todas as coisas...; pois quando tudo caía [na desordem] e pendia para dissolução, ele restabeleceu a ordem e deu ao mundo inteiro uma nova aura; César... a boa fortuna comum de todos... O início da vida e da vitalidade... Todas as cidades adotam unanimemente o aniversário do divino César como o

novo início do ano... Enquanto a Providência, que regulou toda a nossa existência... levou a nossa vida ao ápice da perfeição ao nos dar [o imperador] Augusto, a quem ela [Providência] encheu de força para o bem-estar dos homens, e que sendo enviado a nós e a nossos descendentes como Salvador, pôs fim à guerra e colocou todas as coisas em ordem; e [por isso,] tendo se tornado [deus] manifesto (phaneis), César realizou todas as esperanças de tempos anteriores... ao superar todos os benfeitores que o precederam..., e enquanto, finalmente, o aniversário do deus [Augusto] se tornou para o mundo inteiro o começo de boas-novas (euangelion) com relação a ele [portanto, que uma nova era comece a partir de seu nascimento]” (HORSLEY, 2004, p. 29).

Crossan afirma que isso não é, obviamente, apenas uma série de coincidências acidentais: “[...] Esse paralelismo fundamental é antagonismo profundo: dois programas escatológicos que se chocam um com o outro. O cristianismo sabia disso desde o início e de maneira clara. Roma sabia disso desde o início, mas de maneira obscura” (CROSSAN, 2004, p. 450, 451).

Desse modo, o que existiu não foi exatamente uma influência recíproca, mas uma influência unilateral, sendo que a cultura dominante não absorveu elementos da cultura dominada, mais o contrário: foi o cristianismo primitivo que absorveu elementos da cultura dominante representada pelo culto ao imperador.

O simbolismo do discurso antiimperialista nos anúncios sobre o nascimento de Jesus no Evangelho de Lucas

De acordo com John D. Crossan (2004), Richard Horsley (2004) e Raymond Brown (2005), essa relação de antagonismo entre o cristianismo e o Império Romano encarnou-se em narrativas simbólicas nos relatos da infância de Jesus nos evangelhos bíblicos – principalmente no Evangelho de Lucas.

De fato, como a obra lucana é dupla – o terceiro evangelho e Atos dos Apóstolos – podemos também perceber um duplo objetivo que se entrelaça em suas narrativas, que se consiste em descrever a expansão do cristianismo como um acontecimento de importância cósmica, pondo-a na estrutura cronológica do mundo, da história e dos governantes seculares, os quais, todos, serão afetados por eles.

Lucas tentou traçar a rota que mudaria o curso do mundo mediterrâneo – a rota do cristianismo. Por isso, coloriu suas narrativas com detalhes exatos – ou melhor, “vivos” – do mundo mediterrâneo, na medida em que narrava o processo de expansão missionária cristã.

O discurso de Paulo no Areópago, em Atenas, narrado em Atos 17, ilustra muito bem esse fato: era o cristianismo entrando e agitando o mundo secular dominado pelo Império Romano. Em Atos dos Apóstolos, Lucas dedica em atenção especial em citar, apuradamente, governantes e instituições políticas de várias pólis e regiões da Ásia Menor e do Mediterrâneo, incluindo Instituições religiosas: Os “neokoros” (Guardiões do Templo de Ártemis), os ouvires de Éfeso, o procônsul Sérgio Paulo, Gálio

o procônsul da Acaia, os procônsules da Ásia, os "litores", os "politarcas", o Areópago (onde se faziam discursos políticos), o "homem principal de Malta", "estratopedarca", os tetrarcas, Quirino, etc.

Um exemplo desse sincronismo artificial lucano entre o cristianismo e o mundo greco-romano pode ser ilustrado quando o autor do Evangelho de Lucas (3.1,22) introduz sua narrativa sobre o ministério terreno de Jesus da seguinte forma:

No ano décimo quinto do império de Tibério César, quando Pôncio Pilatos era governador da Judéia, Herodes tetrarca da Galiléia, seu irmão Filipe tetrarca da Ituréia e da Traconítide, e Lisânias tetrarca de Abilene, sob o pontificado de Anás e Caifás, [...] o Espírito Santo desceu sobre [Jesus] em forma corporal, como pomba. E do céu veio uma voz: "Tu és o meu Filho; eu, hoje, te gerei" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006).

A atenção enfática dada por esse evangelista aos governantes locais – e principalmente romanos – é ressaltada no relato sobre o nascimento de Jesus, que se deu, segundo o autor lucano, nos dias em que Quirino era governador da Síria, quando César Augusto promulgou um edito determinando que todo o mundo sob o jugo romano fosse recenseado (Lucas 2.1,2).

Scardelai (1998, p. 131), ao observar o encadeamento existente no Evangelho de Lucas entre os acontecimentos que envolvem Jesus e os acontecimentos imperiais, como o recenseamento, exclama: "Não se sabe qual teria sido o interesse particular de Lucas em ligar o nascimento de Jesus ao censo". (p. 131).

Brown, por outro lado, afirma que o interesse particular de Lucas em ligar o nascimento de Jesus a esses

acontecimentos romanos não é de todo desconhecido:

Lc 3,1-2 descreve o início do ministério [de Jesus] como acontecimento de importância cósmica, pondo-o na estrutura cronológica do mundo e dos governantes locais que, em última instância, serão afetados por ele. Do lado romano da lista de governantes, há Tibério César, o imperador, e depois Pôncio Pilatos, o governador local da Judéia – Lucas e seus leitores sabem que as ondas provocadas pela imersão de Jesus no Jordão vão finalmente começar a mudar o curso do Tibre⁴. E, assim, não é surpreendente que, quando retrocede o momento cristológico para a concepção e o nascimento de Jesus, Lucas dê ao nascimento também um lugar na estrutura cronológica dos governantes mundiais e locais, ao mencionar Augusto César, o imperador romano, e, em seguida, Quirino, o legado local da Síria. Ironicamente, o imperador romano, a figura mais poderosa do mundo, serve ao plano de Deus, promulgando um edito para o recenseamento de toda a terra. Ele proporciona o cenário apropriado para o nascimento de Jesus, o Salvador de todas aquelas pessoas que estão sendo registradas (BROWN, 2005, p. 496).

Desse modo, não somente o nascimento, mas também o ministério de Jesus é colocado em uma consonância cronológica com o tempo romano, numa forma deliberada de justapor a história cristã ao império.

Desse modo, os relatos lucanos seria uma resposta à propaganda imperial romana e a sua ideologia imperial e

⁴ O Tibre é um rio no território italiano, com nascente na Toscana, cujas margens passam por Roma (cf. GIORDANI, 1985, p. 154).

cultural. De acordo com Bonz (apud Koester, 2005, p. 55), o autor do Evangelho de Lucas (que foi o mesmo autor de Atos dos Apóstolos) não estava alheio aos meios propagandísticos do culto imperial: “o modelo literário da obra de Lucas foi a antiga epopeia grega recriada na obra latina de *Eneida*, de Virgílio” (KOESTER, 2005, p. 55). A *Eneida*, de fato, trata sobre as origens de Roma e realiza elogios publicitários a César Augusto.

O Evangelho de Lucas apresenta justaposições explícitas entre Jesus e César Augusto, em um jogo claro de contraposições em que a figura de Jesus Cristo não apenas assimila atributos e designações imperiais, mas também é colocada em um nível superior ao imperador romano. Na passagem do Evangelho de Lucas 2.1,9-11 consta que:

Naqueles dias [do nascimento de Jesus], apareceu um edito de César Augusto [Καίσαρος Αὐγούστου], ordenando o recenseamento de todo o mundo habitado. [...] O anjo do Senhor apareceu-lhes [a José, Maria e aos pastores] e a glória do Senhor envolveu-os de luz; e ficaram tomados de grande temor. O anjo, porém, disse-lhe: “Não temais! Eis que vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo: Nasceu-vos *hoje* um Salvador, que é o Cristo-Senhor, na cidade de Davi” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, grifo nosso)

De acordo com Brown (2005), a intenção de Lucas ao escrever essa passagem foi proporcionar ao nascimento de Jesus um lugar na estrutura cronológica de governantes mundiais e locais, na medida em que menciona Augusto César, o imperador, e em seguida, Quirino, o legado local da Síria.

Nessa passagem, o autor do Evangelho de Lucas usa a palavra Αὐγούστου [Augoustou] para designar o César Augusto. Esse uso, que se caracteriza pela transliteração grega de um nome latino não é comum. Em Atos 25.21-25, o autor usa a palavra grega *Sebastos*, equivalente grego do latim, como título. Desse modo, o autor de Lucas usa o *nome individual* de César com o objetivo de contrapô-lo ao nome de Jesus, também apresentado de forma individual (Cf. BROWN, 2005, p. 793).

Essa contraposição entre Jesus Cristo e César Augusto é ainda mais acentuada pelo uso lucano do termo “hoje” (“Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo-Senhor”), que denota o nascimento de Jesus e o contrasta às celebrações do dia do nascimento de César Augusto:

A hipótese de que “neste dia, nasceu [...] um Salvador”, de Lucas (2,11) é alegação cristã contrária à propaganda imperial associada à celebração do aniversário de Augusto é realçada pelas descobertas em Roma que mostram o cuidado empregado na observância do dia do imperador: os cálculos da direção dos raios do Sol naquele dia tinham um papel importante no alinhamento dos monumentos relacionados a Augusto na cidade, a saber, o obelisco em Montecitorio, o Ara Pacis e o mausoléu (BROWN, 2005, p. 793).

De acordo com Brown (ibid., p. 497), a asserção na inscrição Priene de Augusto – “O nascimento do deus marcou o início da Boa-Nova para o mundo” – é reinterpretada por um anjo do Senhor com o brado heráldico: “[...] eu vos anuncio a Boa-Nova de uma grande alegria que será para o povo todo: Para vós, neste dia, nasceu na cidade de Davi um Salvador, que é Messias e Senhor”

(Lc 2.10-11). De fato, essa passagem deixa clara a contraposição deliberada efetuada pelo autor do Evangelho de Lucas entre o César Augusto e Jesus Cristo.

Desse modo, podemos afirmar que a narrativa lucana do nascimento de Jesus apresenta um “desafio implícito a essa propaganda imperial, não negando os ideais imperiais, mas proclamando que a verdadeira paz do mundo foi trazida por Jesus” (BROWN, 2005, p. 497).

Brown (2005, p. 497) também comenta que as alusões lucanas à “paz” (cf. Lc 1.79; 2.14) também se enquadram nesse quadro de antagonismos fomentado pelo cristianismo antigo em relação ao culto imperial, pois enquanto os exércitos romanos proclamavam a “*pax Augusta*”, os exércitos celestiais proclamavam a “*paz Christi*”.

A demonstração de extrema sabedoria precoce de Jesus enquanto ainda menino também faz parte do modelo bastante comum do imaginário da época de colocar o herói ou imperador romano como portador da sabedoria divina desde a infância:

É criação comum em muitas culturas e literaturas fazer do menino o pai do homem, criando histórias da meninice de grandes figuras, que antecipam a grandeza do protagonista. Com frequência, essas histórias caracterizam um conhecimento surpreendente demonstrado em uma idade entre dez e quatorze anos; por exemplo, histórias de Buda na Índia, de Osíris no Egito, de Ciro, o Grande, na Pérsia, de Alexandre Magno na Grécia e de Augusto em Roma. [...] O propósito dessas histórias é mostrar a grandeza do protagonista desde o início de sua maturidade (BROWN, 2005, p. 576).

De fato, nem César Augusto e nem Jesus de Nazaré escaparam de serem

caracterizados como “prodígios” em suas infâncias: o primeiro, motivado pela propaganda imperial que rondava em todo o império romano; o segundo, motivado pela oposição à teologia imperial, pelo desejo de equiparar (ou mesmo superar) Jesus à César e pelo intento de mostrar a grandeza e a ascendência divina do messias desde o início de sua infância.

Desse modo, torna-se clara a existência de um forte conflito ideológico entre primeiros cristãos e o culto imperial romano, mais especificamente do primeiro em relação ao segundo. Apesar da atitude anti-beligerante do cristianismo primordial em relação ao Império Romano, os cristãos primitivos não aceitaram de bom grado as propostas teológicas do culto que os dominadores traziam, e não se calaram diante da exigência de se prestar reverência e adoração a imagem do imperador.

Considerações finais

Essa pesquisa evidencia a existência de um forte conflito ideológico entre primeiros cristãos e o culto imperial romano, mais especificamente do primeiro em relação ao segundo. Apesar da atitude anti-beligerante do cristianismo primordial em relação ao Império Romano, os cristãos primitivos não aceitaram de bom grado as propostas teológicas do culto que os dominadores traziam, e não se calaram diante da exigência de se prestar reverência e adoração a imagem do imperador.

O marco desse trabalho foi demonstrar que discursos antiimperialistas estiveram presentes, ainda que de forma simbólica e camuflada, nos primeiros escritos da religião cristã contidos no Novo Testamento bíblico.

As influências extra-cristãs na formação

do imaginário cristão primitivo foram marcantes, sendo que, enquanto os cristãos primitivos não aceitavam as propostas teológicas do culto à imagem do imperador, utilizavam os elementos desse mesmo culto imperial para construir a imagem de culto a Jesus Cristo. Por isso, podemos concluir que a teologia imperial exerceu um importante papel na construção da cristologia e teologia cristã.

Referências

ARENS, Eduardo. **A Bíblia sem mitos**. Uma introdução crítica. São Paulo: Paulus, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. 4ª impressão. São Paulo: Ed. Paulus, 2006.

BROWN, Raymond E. **O Nascimento do Messias**: comentário das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas. São Paulo: Paulinas, 2005 (Coleção Bíblia e história).

CROSSAN, John Dominic. **O nascimento do Cristianismo**: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus. São Paulo:

Paulinas, 2004.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006,

GIORDANI, Mário Curtis. **História de Roma**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

HANSON, John S.; HORSLEY, Richard A. **Bandidos, profetas e messias**: movimentos populares no tempo de Jesus. São Paulo: Paulus, 1995.

HORSLEY, Richard A. **Jesus e o império**: o reino de Deus e a nova desordem mundial. São Paulo: Paulus, 2004.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**: História e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005. Vol. II.

MEIER, John P. **Um judeu marginal**: Repensando o Jesus Histórico: as raízes do problema e da pessoa. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1993. Vol. I.

_____. **Um judeu marginal**: Repensando o Jesus Histórico: Milagres. Rio de Janeiro: Imago, 1998. Vol. II, livro III.

SCARDELAI, Donizete. **Movimentos messiânicos no tempo de Jesus**: Jesus e outros messias. São Paulo: Paulus, 1998.



* FRANCISCO CHAGAS VIEIRA LIMA JÚNIOR é graduado em História pela Universidade Estadual do Maranhão - Centro de Estudos Superiores de Imperatriz - UEMA/CESI. Graduando em Direito pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: jrcoffer@hotmail.com